

Retratos Póstumos de Brás Cubas

Stélio Furlan

Doutorando em Teoria Literária - UFSC

“Estou mesmo certo que, em geral, há alguma coisa do escritor nas suas obras capitais: muitas vezes as faces da criação são coroadas com o próprio sentimento. Mas que vale isso aqui? Do alto dessas páginas só conheço a obra e o escritor; o homem desaparece”

Machado de Assis (1859)

Este ensaio visa pensar a renovação teórica da prática crítica em relação ao distanciamento da escrita biográfica. Vou centrar meu investimento discursivo menos numa história da biografia do que nos interesses subjacentes à crítica literária e a seus críticos. Pensar como, por trás da leitura e da escrita das biografias, atuou a crítica literária, sua influência na recepção da obra e na (des)construção da imagem de Machado de Assis, ao longo do século XX.

Tentarei pintar, desta forma, um panorama dos parâmetros que rege(ra)m a crítica literária, a partir dos retratos póstumos de “Brás Cubas”, melhor, do corpus biográfico machadiano. Assim, certas biografias de Machado de Assis serão estudadas como textos que carregam historicidade crítica própria. Ou seja, busca-se pensar a historicidade dos modos de ler em relação às mutações na

estrutura das relações de força simbólica que define o campo intelectual num dado momento.

Ainda que o trabalho se apresente sob a forma de recortes de distintas épocas, longe daqui uma mera apologia ao culto da linearidade pura e simples. O leitor encontrará, decerto, um desfile mais ou menos em ordem cronológica, sim, mas isso se dá por motivos pragmáticos. Essa leitura em panorama visa deixar marcado o jogo entre as permanências e as inflexões. Longe daqui, por extensão, uma leitura sob o tom de “pogresso”, ao contrário, salienta os interesses específicos em jogo, as motivações práticas de cada momento. Ou, mais precisamente, pretende chegar à noção de que o sentido da crítica e de sua relação com o veio biográfico não só se constrói ideológica e discursivamente, como também está radicado numa situação histórica específica e opera em conjunção com uma formação social específica.

O fio de Ariadne repousa, pois, na possibilidade de tecer uma correlação entre as mutações pelas quais passou a crítica e a escrita das biografias. Cabe perguntar: será que elas retroagem uma sobre a outra, ou serão ambas influenciadas por alguma dominância cultural, alguma mentalidade de época? Se, a princípio, as atividades praticamente se indiferenciavam, como pensar o processo de construção da ‘especificidade’ da prática crítica?

Precisando os conceitos, biografia aparece aqui, de modo geral, como vida que se conta, melhor, como “o modo pelo qual uma vida se traduz em grafia, em outra palavra, se materializa”. Enquanto que por crítica entende-se algo que tende a se afastar do privilégio concedido ao autor, o chamado “biografismo”, tendendo para a construção de um estudo do qual deriva um “conhecimento intelectual” e “conceitual” sobre a literatura, numa palavra, enquanto maneira de conhecimento e de pensamento¹ a possibilitar uma leitura mais abrangente do cosmos textual, sem que isso exclua uma abertura ao processo histórico.

De todo modo, fica difícil precisar aqui o conceito de biografia e o de crítica, uma vez que eles já vêm carregados de várias camadas de significados², o que impossibilita que se possam

colocar termos semanticamente instáveis, baixo um mesmo rótulo. Talvez seja mais útil tentar demarcar o que se privilegia em cada época: autor ou texto? E, sobretudo, se através do autor pode-se “bem julgar”, ou explicar o texto. Ou, noutro sentido, se o texto pode dar margem a uma poética do indicial, lida pelo viés de “pormenores negligenciáveis” como chaves para explicar o escritor. Claro, sem perder de vista essa relação instável entre crítica e biografia, que ora se aproximam, ora se tensionam e separam.

Já se tornou um lugar comum a crença na modificação nos rumos da crítica literária brasileira do século XIX. Passa, num primeiro momento, por uma crítica que “não tem estudo porque é feita da noite para o dia, e tem missão porque o jornal é essencialmente comercial e político”, palavras de Macedo Soares. Esse tipo de crítica floresce com o “Progresso do Jornalismo no Brasil”, como ocorre com o *Jornal do Comércio*.³

Num segundo momento, a partir da segunda metade do século XIX, fala-se de uma inflexão patrocinada pela chamada “Geração de 70”, que contava com representantes do porte de Sílvio Romero. Nessa nova mentalidade, caucionada num texto crítico dito “com estudo”, temos a diluição dos limites entre crítica e história literária. Isso segue numa leitura a contrapelo da geração anterior, que deslizava nas águas de uma crítica de cunho biográfico, tipo “Notícias sobre...”, de Joaquim Norberto, tal como aparece na coleção “Brazilia, Bibliotheca Nacional dos melhores autores antigos e modernos publicada sobre os auspícios de S.M.I. O Sr. D. Pedro”, editada pela Garnier⁴.

A onda historicista que se fez notar na “Geração de 70” pode ter contribuído para a formação de um sistema intelectual, dando uma consistência “científica” à crítica, mas isso não significa, de forma alguma, um abandono da presença biográfica. Há, decerto, na confusão com a história da literatura, uma redução à “história” do ambiente, em suas características físicas e sociais, como também uma sedução pela “coleção de retratos de autores”, uma “sucessão, em ordem cronológica, de ensaios biográficos”⁵.

Retratos póstumos de Brás Cubas

Penso que a dissociação da crítica no século XIX, supracitada é problemática, uma vez que coloca a “crítica fecunda” machadiana, iniciada em 1858, na fase dita “sem estudo”. Vale lembrar que ele preferia “às generalidades do dilentantismo literário a análise sincera e a reflexão paciente e longa”. Vejo Machado de Assis como exceção à regra que também ele constata: “Há decerto exceções tão esplêndidas quanto raras, e por isso mesmo mal compreendidas do presente, graças à ausência de uma opinião”⁶.

Por outro lado, a crítica dita “com estudo” não resistiu ao cântico das sereias, tornando-se, de modo geral, uma atividade autodidata, reduzida aos rodapés dos jornais, estando estes mais preocupados em divulgar um produto do que em patrocinar um verdadeiro estudo das virtudes e defeitos da criação literária.

A onda positivista adentrou o século XX com vigor conceitual, impregnando os estudos literários. Tal visão de mundo terminou por opor crítica e erudição em detrimento da primeira. O divórcio entre a crítica e a erudição veio em prejuízo da crítica de avaliação estética, uma vez que a história literária deixou que a preocupação histórica se exagerasse à custa da preocupação literária, tornando-se história social da Literatura, ou então uma série de ensaios biográficos de escritores em ordem cronológica.

É justamente por conta da influência dessa atmosfera do final do século passado que um certo tipo de crítica termina por fundir-se à biografia, quando cede espaço a simples comparação entre literatura e vida. Por conta do também chamado historicismo, segundo o qual a particularidade dos personagens deve derivar da especificidade histórica de seu tempo: o testemunho, a evidência material, a prova concreta, lançam um cerceamento, surgem como condições indispensáveis à prática crítica e ao fazer biográfico. Assim, nota-se a devoção do fato pelo fato, o acúmulo de fatos isolados. Como se estes pudessem revelar o todo ou se se pudesse reunir tais fatos num todo.

A partir da segunda década de século XX, sobretudo com Mario de Alencar e Alfredo Pujol, presencia-se um verdadeiro festival de homenagem póstumas ao grande homem de letras,

Machado de Assis. Talvez se possa ler, no desejo de erigir-lhe um monumento, seja em bronze, a óleo ou biograficamente, uma aproximação com o ideal positivista de culto ao personagem ilustre, às sumidades, tendo em vista a formação da posteridade do escritor.

Alfredo Pujol, por exemplo, alia a singularidade da obra machadiana ao perfil moral. Isso se deve ao fato de que ele avalia a produção literária segundo os parâmetros de referência cultural predominantes no início do século: o gosto francês além da mania da Grécia e da latinidade. Permeando este tipo de leitura, o historicismo, a condicionar a mania da pesquisa e o levantamento de todos os dados possíveis da vida de um autor ou da época, resultando numa “supervalorização do pormenor biográfico”⁷.

Pujol visa dar ao seu depoimento a envergadura de fonte documental. Sua leitura sai em busca da personalidade do artista e do “estilo” machadiano, na crença de que a inteligência da obra e a natureza do talento literário estão *a priori* determinados pela biografia do homem. Alia-se, pois, a produção do autor ao conjunto de sua trajetória pessoal, tendo como meta o perfil moral. Talvez se possa dizer que, em ambos os casos, há a crença de que tal processo explicaria a obra, como se a vida explicasse o texto. Essa validação da equação autor=obra referenda a permanência do culto biográfico, claro que agora sob novas bases. Mais adiante retomarei esta questão.

Na década de 30 ocorre uma inflexão no horizonte de leitura, nos modos de ler Machado. A recepção da literatura machadiana será lida pelo viés de estudos psicológicos que acentuam o abismo entre a vida e a obra do escritor, a cisão entre o homem atormentado e o escritor oficial. Isso aparece na leitura do trabalho de Lúcia Miguel Pereira, *Machado de Assis, Estudo Crítico e Biográfico*, de 1936, onde revela-se a preocupação de abranger o conjunto dos estudos literários sobre o escritor para agregar à sua produção particular. Adota um modelo mesclado de escrita biográfica, cuja vontade de potência repousa na narrativa ficcional do romance. No entanto, não repele, ao contrário, atrai os discursos

Retratos póstumos de Brás Cubas

da psicologia, da psiquiatria, os conceitos da medicina eugênica (tais como miscigenação racial, defendida como fator de aprimoramento da sociedade brasileira) e sua visão enquanto historiadora da literatura.

A biógrafa lança mão de correntes do discurso científico do seu tempo com o intuito de estabelecer uma corrente recíproca de compreensão entre a vida e a obra e a fim de desentranhar o “homem do boneco de bronze, rígido e definitivo, sem mistérios como sem fraquezas”⁸, imagem do autor que chega à década de 30.

Note-se as restrições ao texto de Alfredo Pujol, sobretudo pelo seu caráter de monumento. Importa à crítica-biógrafa-romancista, como interessa à crítica, acompanhar o processo de formação e expressão de uma personalidade, seja através de uma interpretação escrita por ela mesma, seja através da interpretação já processada por escritores. Aí ela espera encontrar rotas de desenvolvimento de uma vida, a partir do empenho racional da vontade de um indivíduo. A meu ver, parece que a crítica literária se coloca à serviço da escrita biográfica terminando por fundir-se a ela: os textos machadianos, tomados como “excessos de vida” servem, para Lúcia Miguel Pereira, para desvendar a face oculta de Machado de Assis, isto é, “a origem obscura, a mulatice, a feiúra, a doença, - o seu drama enfim”.

No seu estudo, a um só tempo crítico e biográfico, escreve de acordo com as motivações e os interesses de seu próprio tempo, que giram em torno da fusão de biografia e romance. É o apagamento dos limites entre crítica, história e ficção o que nela me interessa. Trabalha para conferir uma nova função, enquanto crítica e romancista, à biografia no quadro dos estudos sobre a história e a sociedade brasileiras. No que diz respeito à indistinção entre crítica e criação, vale dizer que esta será defendida, mais tarde, pelo controverso “imperador da crítica brasileira”, entre 1940 e 1950, Álvaro Lins, que tomou a crítica por um novo gênero literário de criação.

Aliás, se se olhar para a crítica literária do início deste século até fins da década de 40, pode-se constatar a preponderância da chamada crítica ‘não-especializada’ e, de certo modo, impressionista e autodidata. Ou, melhor dizendo, da crítica de rodapé ou jornalística, marcada pelo culto da *review* e pelo cultivo da eloquência como exibição de estilo e da personalidade do crítico.

Em oposição à ênfase na biografia romanceada, na década de 40 proliferaram-se os trabalhos sób a égide do culto aos documentos, aos arquivos. Surgem, neste momento, os chamados “biógrafos profissionais”, dentre os quais se sobressaem Jean-Michel Massa, Magalhães Júnior, Brito Broca, Augusto Meyer. Embora houvesse um direcionamento, desde a própria direção do Instituto Nacional do Livro, para uma leitura que deixasse o homem em paz para se concentrar no autor, esta fase ficou marcada por uma nítida predileção pelos arquivos para retificar ou corroborar o que já se havia dito até então sobre Machado de Assis. Permanece, pois, como enigma a decifrar, a correspondência entre vida e obra.

Vale destacar aqui o confronto entre crítica e biografia acerca da melhor versão da infância do menino Machado de Assis. Isso se dá quando o “biógrafo profissional” Jean Michel Massa ataca “Lúcia Miguel Pereira e, logo depois, a crítica brasileira”, por terem feito dele “um moleque, levando uma vida com o seu quê de vagabundo”. Ora, em vez dessa tradução que reduzia o menino Joaquim Maria Machado de Assis a um “moleque preto e franzino”, ele prefere apresentá-lo como criança “nem nobre, nem aristocrata, mas um pequeno rústico”, na “vida calma e tranquila”, entre os muros da Chácara do Bom Livramento⁹. Numa palavra, lê-se aqui um descompasso que sugere uma fissura no perfeito conúbio entre escrita biográfica e prática crítica, que se intensificará, depois, com Antonio Candido e Afrânio Coutinho.

A supervalorização do pormenor biográfico em crítica começa a esmaecer a partir da década de 50. Dá-se, nesse momento, maior relevo à necessidade de uma reação contra a

Retratos póstumos de Brás Cubas

preocupação biográfica em crítica, “tão larga e devastadora entre nós”, como acentuava Afonso Arinos de Melo Franco, que constatou que a biografia monopolizava, de modo geral, as atenções dos críticos e historiadores literários.

Há, decerto, nesse contexto de idéias, mais que uma tensão, uma ruptura para com a até então hegemônica crítica de rodapé, cujos atributos podem ser pensados pelo viés dos floreios de linguagem, exibição da própria personalidade e acúmulo de anedotas biográficas. Isso já se pode ler, em 1945, no depoimento para a “Plataforma da Nova Geração”, de Antonio Candido. Aí se pode detectar o delinear-se de uma nova geração de críticos, no caso, dos chamados críticos-*scholars*. Com eles inflaciona-se a desconfiança para com o modelo tradicional do ‘homem de letras’ da geração anterior, comumente designada de “literária, e para com o tratamento anedótico-biográfico em geral concedido à literatura na imprensa. Candido fala, pois, no calor da hora, antenado com as questões crítico-teóricas de seu tempo¹⁰.

Também Afrânio Coutinho, à sua vez, vai problematizar esse tipo de leitura. A vida literária, no Brasil, segundo ele, seria mais importante do que a literatura. Como se a vida do autor suplantasse os textos. Daí ele dizer, em 1953, que “a nossa crítica tem sido eminentemente biográfica”. Enquanto a literatura brasileira denota certa “pobreza em obras, é muito rica em figuras de homens curiosos, de homens de espíritos, numa palavra, em vidas”. Ainda que Coutinho afirme a impossibilidade de “negar a validade da perspectiva biográfica em crítica”, que o que se pretende não é o abandono da biografia, vai sublinhar a necessidade de “aplicação de outras técnicas, pois a nossa literatura, no que tange às obras, está praticamente virgem da análise crítica”¹¹.

Inclusive no prefácio à *Crítica e Teoria Literária*, de 1985, trabalho que reúne sua extensa produção no campo da teoria e crítica, mantendo-se fiel à sua postura, vai reiterar o cortejo a uma especificidade do trabalho crítico: “a característica do estudo literário é a busca da literariedade e (...) a crítica tem por mister precípuo procurar detectá-la no próprio texto, isto é, na obra e

não nas circunstâncias envolventes (autor, meio, terra, momento). A crítica é literária e não biográfica, sociológica, histórica”.

Tal afirmação reitera os caminhos do seu pensamento crítico, a contrapelo da crítica tradicional de cunho ‘psico-sócio-histórico’. Reivindica-se a autonomia do texto, a singularidade da atitude estética na linhagem aberta pelo *new criticism*. Essa nova crítica tem, como preocupação dominante, concentrar a atenção sobre a obra de arte em si mesma, analisando-a, julgando-a “internamente”. Não exclui a perspectiva sócio-histórico-biográfica, mas subordina-se à perspectiva propriamente crítica. Daí a “autonomia” da crítica, cuja finalidade estaria na análise, explicação e interpretação imanentes ao fenômeno literário. Novamente aqui podemos ler a emanação de uma dominância cultural, a delinear pressupostos de trabalho, no caso, pelo viés da crítica¹².

Na atualidade, a diversidade de perspectivas¹³, de campos de interesse, de linhas de pesquisa que se ampliam desde a década de 80, comprova que a predominância das análises formais vai sendo minimizada. Neste contexto de idéias, mais particularmente no que tange à relação entre biografia e crítica, não há como deixar de pensar na reabilitação da historiografia literária. Uma vez que, a reboque disso, mais que uma preocupação pela biografia, no caso específico, a machadiana, temos estudos que visam os modos de ler Machado de Assis. É a maneira pela qual se pintou e emoldurou o retrato do grande homem de letras que agora ganha relevo, num movimento que vai do exagero, do aumento, à correção. Caso de *O Homem Encadernado*, de Maria Helena Werneck, lançado em 1996.

Num exame profundo e minucioso, Maria Helena Werneck dá ênfase à recepção da obra e à (des)construção da imagem de Machado de Assis, ao longo do século XX. Esse movimento, que lembra *A Fabricação do Rei*, de Peter Burke, se dá num ambiente em que já se havia dado a ruptura com a exclusividade da imanência do texto. Numa verdadeira performance transdisciplinar, a crítica, a teoria literária e a história, entre outras áreas do conhecimento, de suas faixas de encaminhamento próprias, dão à nossa

“bandeirante pós-moderna” elementos de análise para perambular no tempo, indo e vindo ao (des)encontro dos “Machados” de Assis.

Mas por que inseri-la - a leitura de Werneck - no controverso âmbito do pós-moderno? Desconstrução do sujeito, do arquétipo: desmistificação daquele herói modernista, insulado no território de seu corpo e de seus fantasmas; ênfase menos no produto do que no processo, na maneira do que na matéria, no cortejo à significação em vez da verificação; não mais a totalidade, mas o culto do fragmento...

O que me punge em Maria Helena Werneck, entre outras coisas, é a íntima correspondência entre crítica e teoria. A abertura do campo de seus estudos - como fez Philippe Lejeune com Victor Hugo, para o contexto histórico de produção da obra, investigando os horizontes de expectativas da época e o projeto que o autor tinha em vista e, vale acrescentar, como se beneficiou dele. A abertura à fontes diversas: exploração conceitual de cenas teóricas, pictóricas, paraliterárias. Os vãos críticos e teóricos vestem e/ou desnudam muito bem o *corpus* e o corpo machadiano. Demais, a autora não aceita a tendência de interpretar os textos do autor através da vida. O distanciamento da equação vida=obra se dá pela inversão da ordem dessa relação¹⁴.

Daí a poética do indicial¹⁵. Tais indícios - pormenores que regem a narrativa fragmentária de *Memorial de Aires*, - apontam para a senilidade e epilepsia de Machado de Assis. Melhor, em *O Homem Encadernado*, o regime das anotações diárias das mutações de humor e da saúde do corpo que estrutura as cartas-diários, trocadas entre Mário de Alencar e Machado de Assis, é o que fornece o *modus operandi* narrativo de *Memorial de Aires*.

Assim, Maria Helena Werneck faz juz ao que veio: descolar a fantasia retórica do homem encadernado e o rebuscamento das eloqüentes honrarias, como também desvincular a imagem de Machado dos recorrentes estereótipos e frases feitas. Como conclusão desse trajeto há, efetivamente, a crença de que os modos de ler Machado variam com as alterações na estrutura das relações

de força simbólica presentes na história (literária). Ela visualiza os parâmetros que regem os estudos literários em cada época, razão pela qual o livro se torna, de fato, uma excelente contribuição, desde o território da biografia, para se pensar certas inflexões na crítica literária brasileira deste século XX.

Em suma, pensar o cotejo entre biografia e crítica de uma maneira “saúdável”, traz, por implicação, focalizar a própria história da literatura. Além de desejar entender o texto urge também compreender a vida, sim - mas a partir do texto, lendo-o como testemunho das mudanças de sensibilidade de uma época específica - para, deste modo, poder retratar e emoldurar o nome completo. Tal cotejo envolve a possibilidade de assumir um compromisso com a ‘particularidade’ textual propriamente dita, com a discussão e interpretação de obras concretas de literatura, como também com o contexto situacional, com as condições materiais de produção e recepção dos discursos, das instituições que condicionam as práticas discursivas, com o público da mensagem literária, numa palavra, com os elementos formadores dos contextos dos processos de produção e leitura.

NOTAS

¹ Quanto ao conceito de biografia supra citado ver “Não vou ser bio. Quero ser autobiográfica”, de Tânia Regina Oliveira Ramos. Leia-se também: “Falar, pois, da história de uma outra vida é acreditar que biografia é uma vida que se pode contar. Melhor: se escrever. Por isso se diz que em biografia a grafia é a construção ou reconstrução desta impossibilidade ou dessa irreprodutibilidade. E entra aqui o esforço de ficcionista e de historiador do biógrafo”. Quanto à noção de crítica como maneira de conhecimento e pensamento, ver “Introdução Polêmica” em *Anatomia da Crítica*, de Nortrop Frye, pp. 11-36

² No que tange à história e aos usos da biografia, ver MADÉLENAT, Daniel. *La Biografie*. Paris, PUF, 1984 e LEVY, Giovanni. *Les Usages de la Biografie. Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*. nov/dec. 1989, no.6. Sobre a história da crítica literária há um texto conciso de René Welleck, “Termo e Conceito de Crítica Literária” In: *Conceitos de Crítica*. SP, Cultrix, pp. 13-55.

³ Se, em 1827, o *Jornal do Comércio* contava com cerca de 400 assinantes,

Retratos póstumos de Brás Cubas

em 1846 vai ultrapassar a quantia de “mais de 4 mil”, popularização dos periódicos que, vale lembrar, tem muito a ver com o surgimento dos romances publicados sob a forma de folhetins. Ver F. de S. MARTINS, “Progresso do Jornalismo no Brasil”, apud Maria Helena Rouanet. *Crítica e História da Literatura no Século XIX. Verso e Reverso da mesma moeda?*. 1996, p.7-13

⁴ Op cit, p.11. No que diz respeito à crítica brasileira, a aproximação entre crítica e biografia já se fazia presente em Padre Antonio Vieira. Aqui nos interessa o fato de que em Vieira a “explicação reduzia-se à biografia” e por isso mesmo “bracejava perplexa diante dos numerosos enigmas e contradições”, deixando a crítica desarmada ou munida apenas de critérios sociais ou morais. Ver Afrânio Coutinho, 1985, p.296. Ou ainda: “Quanto a Silvio Romero e José Veríssimo, apesar das reprimendas recíprocas, tanto um como o outro recaíram na análise psicológica das obras literárias, no biografismo de que tanto pretenderam se libertar; não raramente foram juízes impressionistas (...)”. Ver Joana Luiza Muylaert de Araújo, 1995, p.25.

⁵ Afrânio Coutinho, 1987, p.73.

⁶ Machado de Assis, *Obras Completas*, p.841

⁷ Eric Auerbach, apud René Wellek, *Conceitos de Crítica*, p.21

⁸ Maria Helena Werneck, *O Homem Encadernado*, p.126. Quanto a Álvaro Lins, vale lembrar a grande polêmica com Afrânio Coutinho, num momento favorável à transição e perda de poder da crítica de rodapé, realizada pelo primeiro, em favor da crítica emergente, universitária, *scholar*, do segundo. Momento de “substituição do jornal pela universidade como templo da cultura literária e da figura do crítico enciclopédico e impressionista, com sua habilidade para a crônica, pela de professor universitário, com seu jargão próprio e uma crença inabalável no papel modernizador que poderia exercer no campo dos estudos literários. Tratava-se de substituir o rodapé pela cátedra”. Ver Flora Sussekind, *Papéis Colados*, p.20.

⁹ Jean Michel Massa, *A Juventude de Machado de Assis*: Apud Maria Helena Werneck, op. cit, p.168.

¹⁰ Como diz Wellek, “Na década de quarenta, no apogeu da Nova Crítica, (...) muito se fez para reafirmar os direitos da crítica e da teoria literária e para minimizar a grande ênfase que se dava antigamente à biografia e ao ambiente histórico”. René Wellek, op.cit., p. 17.

¹¹ Afrânio Coutinho, *Crítica e Teoria Literária*, p. 35, 36 e 65

¹² Para Antonio Candido - diferentemente de Afrânio Coutinho para o qual tal transformação se dava em função do aparelhamento universitário -, “a distinção entre os limites da crítica é uma questão (...) mais cultural do que específica, isto é, depende mais da solicitação que lhe faz o ambiente do que da própria natureza do trabalho crítico. À medida que se vai enriquecendo uma cultura, as suas produções se vão diferenciando; e a

atividade crítica, paralelamente, se diferencia também”. Apud Flora Sussekind, op.cit. p.19.

¹³ Estamos vivendo no Brasil, como quer Roberto Corrêa dos Santos, o que se pode chamar de uma fase de resultados. Resultados de um processo de consolidação da crítica literária, sobretudo a partir da década de 70, com a criação e o estabelecimento dos Cursos de Pós-Graduação em Letras no Brasil. Daí derivam as especializações, o desenvolvimento de estudos mais sistemáticos da literatura nacional e portuguesa, uma busca de novos métodos de leitura e de teorias críticas, de uma nova mentalidade em crítica literária, a exemplo de Afrânio Coutinho e Antonio Candido, ainda que trabalhem com perspectivas filosóficas e projetos críticos bastante distintos. Mas, talvez se possa falar de uma fase outra da crítica brasileira neste século. Ademais da crítica de rodapé, e da crítica acadêmica, com Flora Sussekind, temos um terceiro tipo que seria um desdobramento da crítica universitária, sendo, a auto-reflexão, marca distintiva *sine qua non*. Aqui temos os chamados crítico-teóricos, dentre os quais se sobressaem Luis Costa Lima, Haroldo de Campos, Roberto Schwarz. Este tipo de crítica termina por se desdobrar novamente numa crítica-ensaio ou ensaio crítico: Antonio Candido, Walnice Nogueira Galvão, Silviano Santiago, Heloisa Buarque de Holanda, João Alexandre Barbosa, Davi Arrigucci Jr., falam do interior do cosmos acadêmico; e de fora deste, intelectuais como José Paulo Paes, José Guilherme Merquior, Sebastião Uchoa Leite e Augusto de Campos. Ver Roberto Corrêa dos Santos, *A Crítica Literária no Brasil. (Últimos quinze anos)*, p.57.

¹⁴ Werneck lê a inversão da “fórmula” vida=obra em Walter Benjamin e Susan Sontag. O que está em jogo é a busca de uma nova forma de aproximar biografia e texto: “Não se pode interpretar a obra a partir da vida”, diz Sontag. “Mas pode-se a partir da obra, interpretar a vida”. Ver Maria Helena Werneck, op. cit, p. 35.

¹⁵ Teoricamente, a “poética do indicial” resulta da conjunção Carlo Ginzburg / Roland Barthes. No primeiro caso, Maria Helena Werneck explora o artigo *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. Ela recorta a idéia dos “pormenores negligenciáveis”, elementos pouco notados ou despercebidos, os detritos, os refugos da observação. É deste modo que Guinzburg reconstitui as origens da historiografia em textos datados do final do século XIX. Daí que o gancho com Barthes é fácil de ser estabelecido. E versa-vice. Poderia ter sido através dos “pormenores concretos”, ou “catálises”, de *O Rumor da Língua*. Mas ela prefere resgatar a idéia do *punctum*, de *A Câmara Clara*, onde Barthes recolhe detalhes que atraem o seu olhar nas fotografias que analisa. A idéia de *punctum* é colocada numa relação sinonímica com os biografemas. Cita Barthes: “Do mesmo modo, gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas biografias; chamei esses traços de biografemas”. Das

Retratos póstumos de Brás Cubas

leituras de Barthes/Guinzburg deriva, pois, a poética do indicial de *O Homem Encadernado*. Como quer Werneck, o “mínimo, o pequeno, a parte desprende-se movida por uma força que exala da subjetividade disponível de quem aceita se defrontar com a verdade de um referente para se deixar encantar”. Ver Maria Helena Werneck, op.cit, pp. 231-258.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Joana Luiza Muylaert de. *Sílvio Romero: Limites da Crítica Naturalista*. Uberlândia: Letras e Letras, n. 11, 1995.
- BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. Lisboa: Portugal. Edições 70, s/d.
- BARBOSA, João Alexandre. “Forma e História na Crítica Literária”. In (Org.) *Textos Críticos. Augusto Meyer*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- BRUNEL, P. et alli. *A Crítica Literária*. São Paulo: Martins fontes, 1988.
- BURKE, Peter. *A Fabricação do Rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- DERRIDA, Jacques. “Edmond Jabès e a questão do livro”. In *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 53-72.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um Autor?* Lisboa: Vegas, Passagens, 1992.
- LAFETA, João Luiz. *1930: A Crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- LIMA, Luiz Costa. *Dispersa Demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- WERNECK, Maria Helena. *O Homem Encadernado. Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.
- MASSA, Jean Michel. *A Juventude de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1955.

- PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Não vou ser bio. Quero ser autobiográfica*. Florianópolis: Editora da UFSC, Curso de Pós-Graduação em Literatura, no.29/30, pp.249-263, 1997.
- ROUANET, Maria Helena. *Crítica e História da Literatura no século XIX. Verso e reverso da mesma medalha*. Porto Alegre: Revista Letras de Hoje, n. 4, pp.7-13, 1996.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. *A Crítica Literária no Brasil (Últimos quinze anos)*. Lima, Revista de Crítica Literária Latinoamericana, año XVI, n31-32, pp.57-66, 1990.
- SUSSEKIND, Flora. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: UERJ, 1992.